

Um discurso breve

César Aira*

418

Criança, eu guardava o que não entendia, o que ficava sem explicação, a gema rara que brilhava no meio da ganga trivial do claro e sabido. Não fui o único. Existe um instinto que conduz as crianças ao inexplicável, suponho que como parte do seu processo evolutivo. Talvez hoje coisas demais sejam explicadas às crianças, há estímulos demais para entender tudo e elas recebem os instrumentos para responder suas perguntas na hora. Esta atitude também pode ser parte de um processo evolutivo da sociedade, destinado a impedir a reprodução de sonhadores improdutivos. Essas salvaguardas não haviam surgido no tempo e no lugar onde passei meus primeiros anos: uma cidadezinha de gente do campo para quem a última coisa que poderia ocorrer seria estimular o conhecimento nos filhos, limitando-se a mandá-los para a escola e deixar que se virassem sozinhos nela. Posso dizer que me deixaram perseguir em paz os meus mistérios, que não tinham nada de transcendentais. Mistérios à minha medida, que não comentava com ninguém por temor de que fossem revelados e perdessem sua deliciosa obscuridade. Lembro que havia numa revista uma publicidade de um sabão, do qual se dizia que era usado por nove entre dez estrelas de Hollywood. Eu começava me sentindo escandalizado pela crueldade dos redatores dessa publicidade, de colocar em evidência essa pobre mulher, a número dez, denunciá-la de um modo tão público e ao mesmo tempo tão dissimulado. Está certo que não diziam seu nome, mas as outras nove harpias o conheciam, assim como todo o implacável mundinho das fofocas de Hollywood. No cinema, tratava de adivinhá-la nas atrizes, tratava de ver para além da personagem que a sua verdadeira personalidade de rebelde

*Tradução de Joca Wolff. Publicado em *Evasión y otros ensayos* (Buenos Aires: Literatura Random House, 2018). Agradecemos ao autor pela cessão dos direitos de publicação.

interpretava. Procurava-a entre as atrizes secundárias, inclusive entre os extras: a exclusão discriminatória de que era objeto por culpa do maldito sabão tornava improvável que lhe dessem papéis estelares. Logo cansei de me compadecer. Pensava assim: se ela tinha a força de caráter para resistir ao uso desse sabão que todas as demais usavam, também poderia resistir e vencer a malevolência dirigida a quem mostra o valor de ser diferente. Identificava-me com ela, essa rebelde amazona desconhecida e sem nome. Eu também me achava diferente. No meio de crianças que procuravam desesperadamente certezas, eu procurava enigmas que não tivessem resposta, era um *connaisseur* do desconhecido. Muito depois soube que não era tão original. Li em algum lugar que um dos heróis da minha juventude, John Cage, na infância só apreciava o que não entendia e descartava o que entendia como banalidades indignas de uma criança inteligente. Eu não era tão radical, porque logo me dei conta de que a via régia para a distância e o mistério era o que tinha mais perto, entregue a minha vista e minha compreensão. Minhas pesquisas me levaram aos livros e a leitura se tornou minha ocupação favorita, desde então e para sempre, até hoje. A leitura foi e continua sendo inesgotável no dom de outros mundos, mas também foi habitada por uma nostalgia. Porque inevitavelmente a leitura assídua terminou por me transformar nesse personagem banal que é o Homem Culto, o homem das respostas, sempre à beira de se transformar no enfadonho sabe-tudo. Os livros me esclareciam questões que teria preferido manter suspensas no escuro: progressivamente iam se desvanecendo os enigmas; isso também aconteceu a muita gente. Lembro de uma poeta que dizia da tristeza que tinha sentido quando a palavra “cartilagem” deixou de ser o que ela acreditara durante toda a infância: um cavaleiro com uma armadura de aço com a espada desembainhada no alto de uma escharpa que, graças a sua crescente informação, se transformou num pedestre tecido no corpo do homem e dos animais. Fui um leitor duplo e me pergunto se não serão duplos todos os leitores, se a dissociação de mundos em que consiste a leitura não é o normal. Mas minha duplicação foi particular: de um lado procurava a distância do hermetismo, para me gerar novas perplexidades: surrealistas, gongoristas, obscuros filósofos que eram para meus ouvidos como um rumor dissonante da língua dos pássaros. Não retrocedia sequer

diante de livros em idiomas que conhecia pouco e mal, para me provocar o delicioso calafrio do incompreensível. Mas havia outra vertente, em que o distanciamento encontrava o seu limite na proximidade, ou contiguidade, da identificação maciça com o humano, demasiado humano, do velho realismo. Os romances de piratas, mosqueteiros e caçadores de tesouros continuaram em Zola, em Dickens. Encontrava ali outro nível de mistério, refinado, transfigurado, por ser transfigurador do real. Balzac era mais misterioso do que Mallarmé, porque me devolvia ao mistério de mim mesmo, aos meus desejos e ambições e temores. A escuridão se escondia na claridade, era preciso extraí-la dos fatos cotidianos, como um mal-entendido. Por isso quando a leitura se cristalizou em escritura também houve uma duplicidade, inextirpável. O vanguardismo esotérico a que havia aspirado ouvindo o *Pierrot Lunaire* ou Cecil Taylor ficou no meio do caminho, enxertado no velho, que é o que se lê, enquanto o novo está aí para ser escrito. Conservei o velho pela lealdade à leitura. Lealdade e gratidão, porque alguns de nós temos muito ou quase tudo a lhe agradecer. Uma das minhas citações favoritas é uma frase de Fontenelle, “Não há mal que resista a uma hora de leitura”. Na realidade não é sequer necessário ter um mal para experimentar o poder consolador da leitura. Mas essa hora não se dá de graça e simplesmente por se abrir um livro. É preciso fazer uma longa aprendizagem para trazê-la de muito longe, das primeiras leituras quando nos pareciam um milagre, para efetuar o milagre novo de uma trégua no processo de resolução de problemas e perseguição de objetivos nos quais consiste a vida adulta. Creio que Fontenelle se referia à leitura hedonista e sem propósito, a mesma de que se jacta todo bom leitor, ainda que minta. Se a leitura se dá por prazer, é preciso obedecer às leis do prazer, a primeira das quais, e a única, é a lei da liberdade. Liberdade dos condicionamentos em que se encerra a leitura, em suas utilidades: instruir, informar, refinar o gosto, estimular a reflexão. O prazer de ler pode prescindir de tudo isso, num niilismo feliz. Contudo, o niilismo é um caminho sem retorno e a liberdade outorgada ao prazer pode tomar caminhos imprevisíveis. Pode-se fazer coisas tão blasfemas como se cansar de Shakespeare, de Kafka, de Henry James e passar a ler romances policiais. Tal coisa é menos infrequente do que se confessa (dou fé). Faz sentido que a leitura escolhida

nesse caso sejam os romances policiais. Quem passou a vida lendo os clássicos, antigos e modernos, viveu sob o signo da releitura, que está implícita, faça-se ou não, em toda boa literatura. Há uma duplicação do tempo na leitura, a necessidade do segundo ponto a fim de estabelecer a perspectiva e adjudicar o valor. O romance policial é por excelência o que não se relê, já que é seu próprio spoiler e o leitor tira das costas essa duplicidade temporal que constitui os clássicos. Mas o juízo de valor, mesmo sem a perspectiva que a releitura lhe dá, é inevitável. Pedimos qualidade até à leitura menos pretensiosa; de fato, a esta pedimos ainda mais do que a outras, porque não vem certificada de antemão. Fã como sou dos romances policiais, e agradecido como estou ao denso esquecimento que me proporcionam, julgo-os com severidade. Agatha Christie me cai pesada, admiro Margery Allingham sem reservas mas às vezes lamento que force a nota moralista. E com Dorothy Sayers tenho um conflito de lealdades: não compreendo por que Borges não se cansava de falar mal dela. Edmund Crispin não se esforça o suficiente, John Dickson Carr se esforça demais. Simenon entra na categoria de gênio, mas tem o defeito de não ser o pseudônimo de um professor de Oxford. E quando gosto de alguma coisa em excesso, como está me acontecendo recentemente com Lee Child, tenho que me perguntar com severidade: é realmente tão bom como parece? O juízo terá que ser instantâneo, feito na hora, com o mesmo suspense e a mesma solução brusca de que o texto trata. De qualquer modo, a apreciação do valor literário é inevitável. Mesmo extraviado nos absorventes labirintos do crime, quando a única coisa que me importa é saber qual dos suspeitos deve ser o assassino, continua me importando que seja boa literatura. Parece inconsistente pedir qualidade literária às leituras feitas por puro prazer, depois que tenhamos nos livrado de pretensões culturais e, no entanto, é impossível não pedi-la. Os livros nunca são livros e nada mais: sempre são bons ou maus, ou algo dentro da extensa gama intermédia. A literatura, em qualquer de seus gêneros e formatos, está aí para ser julgada. A qualidade não é uma cor a mais que se aplica quando os materiais já estão no seu lugar, mas um dos elementos constitutivos, o verdadeiro argumento do texto, para além do aparente. Mais que um elemento constitutivo, eu diria que é o elemento gerador; se não há uma promessa de excelência, não vale a

pena sequer começar. Isso me levou a pensar que a qualidade já está antecipada na literatura; na realidade, não poderia ser de outra maneira, tratando-se de uma atividade sem nenhuma função que a justifique diante da sociedade; precisava ser boa para existir, tem que dispor em suas premissas dos instrumentos para sê-lo. Tenho uma teoria sobre isso, que creio que ninguém vai aprovar, mas já desisti de buscar consenso. Foi-me sugerida por um velho livro de uma psicanalista argentina, Isabel Luzuriaga, que propõe que a inteligência pode agir contra si mesma e se sabotar por dentro. A autora era uma especialista em crianças com problemas de aprendizagem e havia notado uma situação paradoxal nos seus pequenos pacientes. Nas crianças o aparelho cognitivo está preparado e predisposto para absorver os conhecimentos, de um modo natural que se diria biológico. As crianças aprendem sem se propor nada especial, é difícil que rechacem o saber dirigido a elas. De modo que a criança que não aprende deve fazer um esforço especial para não incorporar os conhecimentos, deve pôr em jogo uma inteligência superior à da criança que aprende, para obstaculizar o que sua constituição física e mental lhe oferece irresistivelmente. O motivo por que faz isso está em traumas ou inibições que a psicanalista estuda e que podem ser discutíveis, mas o mecanismo em si parece muito plausível. Tanto que se poderia levá-lo a outros terrenos e o da literatura é um terreno fecundo para este tipo de transportes. Pode-se dizer que o escritor está predisposto naturalmente a escrever bem, porque seu ofício, a literatura, precisa da qualidade para existir; a literatura não serve para nada além de oferecer o prazer que produz e este prazer está associado ao juízo de qualidade que o leitor fará, assim como antes o fez o próprio autor. Depois, o escritor sem fazer nenhum esforço especial, deixando-se ir naturalmente pelo impulso inicial, escreverá bem. Fará algo bom caso se entregue à literatura, aos mecanismos de sobrevivência que a literatura tem para não se extinguir em um mundo que não necessita dela. Em um mundo onde tudo deve cumprir uma função, a literatura, consciente de sua inutilidade, sabe que a sua única chance de persistir é produzir prazer e admiração. Daí que tenham dado um jeito para que todos que a pratiquem o façam bem. Para escrever mal, em contrapartida, o escritor deverá penetrar nesses mecanismos, de modo a poder trabalhar contra eles e, se quiser fazê-lo, vai

precisar de uma perspicácia e de um empenho heroicos. Mas conhecendo a indolência característica do escritor, sua psicologia do menor esforço, o mais provável é que seguirá sua tendência natural e escreverá bem. Esse é o motivo para que haja tão poucos maus escritores e chamem tanto a atenção quando aparecem, ainda que esses cisnes muito raros apareçam pouco, porque são expertos no ocultamento. Não é que eu esteja fazendo o elogio, nem sequer irônico, do mau escritor. Em todo caso faria a defesa do escritor não bom, em vista de que, como acontecia com as atrizes de Hollywood, nove de cada dez escritores usam a boa literatura, e os livros bem escritos são a maré que inunda as livrarias e que é tão eficaz para acabar com a vontade de ler. O automatismo de escrever bem provoca um desalento que combatemos de diferentes modos. Claro está que ninguém quer escrever mal, porque é mal visto, além do que exigiria um esforço sobre-humano, mal pago. O outro modo, que o que em geral se aceita, é o de escrever “melhor”. A isso nós escritores definitivamente nos dedicamos, e com esta dedicação introduzimos no nosso trabalho o fator Tempo. Colocamos em movimento o impasse do bom e do mau com a experiência e a aprendizagem. Desse modo completamos a dualidade clássica de Vida e Obra. Esta questão da Vida e Obra foi resumida por Felisberto Hernández, com melancólico humor uruguaio, em uma frase que me persegue faz anos: “Cada vez escrevo melhor”, disse, “pena que fique cada vez pior”. A primeira parte era apenas programática, a segunda sombriamente realista. É difícil para um escritor ser objetivo quando se trata da sua obra, já que ele não pode fazer o juízo senão com o mesmo instrumento com que a escreveu. Mas é bastante previsível que se possa escrever melhor, já que numa atividade que se pratica ao longo dos anos seria difícil não adquirir de forma crescente alguma habilidade. Tudo serve para o escritor aprender, porque a literatura pode aproveitar até o menor acidente da experiência, incluídos os não experimentados. E, o que é mais importante, a aprendizagem lhe serve, porque sempre há tempo de escrever algo mais. Na Vida também se aprende, quase não se faz outra coisa além de aprender, mas a aprendizagem não serve porque a oportunidade de pôr em prática o que se aprendeu, oportunidade que não é outra coisa que a juventude, já ficou para trás. A objetividade que tão raramente assiste ao escritor para avaliar sua obra vem

servida em bandeja de prata quando se trata de avaliar sua vida. Felisberto tinha motivos para justificar as duas cláusulas da sua afirmação. Sua longa e lenta aprendizagem de escritor culminou com a morte e uma obra-prima inconclusa. E, por outro lado, sua vida de músico ambulante, sua pobreza, sua neurastenia e suas cinco esposas sucessivas explicam por que disse o que disse. E entre os dois termos também há uma relação causal, porque um dos elementos que pioram a vida, mesmo para os que não são músicos ambulantes ou tiveram cinco esposas, é o esforço para escrever melhor, que ensombrece nossa existência com a insatisfação, as dúvidas, o medo de ter tomado um caminho equivocado. Por que nos torturamos assim? Por que não nos conformamos com o simples Escrever Bem que nos é dado naturalmente? Os leitores se conformariam com o que nos sai mais fácil. Não só se conformariam como o apreciariam mais, porque esse produto entraria no paradigma do esperável e convencional, que é o que queriam ler e não os textos cada vez mais raros que nascem da intensificação que comporta a busca do Melhor. Quanto aos críticos, o mais provável é que os irriteemos por tirá-los da rotina criando complicações. Quem nos mandou querer escrever melhor? Por que não escrevemos romances comuns e correntes, como todos os demais? Colocamos todo mundo contra a gente mas mesmo assim persistimos nesse trabalho que se torna cada vez mais difícil e torna nossa vida mais difícil. Creio que existe uma razão para que façamos algo tão injustificadamente masoquista. A vida vai piorando paulatinamente, as armadilhas que nos estende vão se tornando mais barrocas e precisamos de habilidades novas e mais aperfeiçoadas para dar conta dela. É um compromisso crescente que cria um círculo vicioso. Tanto vai piorando a vida que devemos fazer mais e mais para redimi-la na Obra. E quanto melhor escrevemos pior é, porque no trabalho perdemos mais e mais oportunidades de felicidade e o Melhor nunca alcança o Pior, como na corrida de Aquiles e a tartaruga. O tempo é o pano de fundo no qual se representa esta comédia. Não pode espantar que o tempo, apesar de ser a mais deprimente das categorias mentais, esteja no centro dos interesses do escritor. Nosso trabalho, que não precisa de capital nem de mão de obra, é tempo-intensivo, não só pelo tempo que leva para escrever mas porque de um modo ou de outro o tempo termina sendo o tema do qual se trata. É

inútil negar: seu triunfo está assegurado de antemão porque qualquer batalha que se livre contra ele se fará dentro dele. Quando Borges tentou uma Refutação do Tempo, anulou-a desde o título porque a qualificou de Nova. E não todos ou, melhor dito, quase ninguém tem o virtuosismo de Proust no manejo do tempo, que perdeu durante toda a sua vida de esnobe ocioso, para recuperá-lo em sua obra, intacto e sem uso, prístino como um bom diamante em que se refletiam todas as cores e aromas dos anos em que se ignorava tudo e o mundo era um tesouro de enigmas. Quando o protagonista do seu livro ofendeu inocentemente uma condessa ao lhe dizer que sua casa era tão bela quanto uma velha estação de trem, não sabia, como não pode saber uma criança, que a comparação que estava fazendo era inadequada e que nada podia agradar menos a uma condessa do que a comparação de sua casa com uma velha estação de província. Mas ele estava deixando um sinal para quando o soubesse, como as crianças deixam pedrinhas no caminho do bosque, para se orientar no caminho de regresso no tempo, quando escrevesse, por mais distante que tenha ficado esse trem na noite. Oposto a Proust em sua estratégia com o tempo, o Dr. Johnson escreveu durante a juventude e deixou de fazê-lo quando começou a ganhar a pensão que o rei lhe outorgara. Disse famosamente: “Quem escreve por outro motivo além do dinheiro é um idiota”. Dedicou-se então a perder o tempo nas tavernas e no salão da senhora Thrale, rodeado de um seletor público que registrava tudo o que dizia sem se atrever a contradizê-lo, por mais excêntricas que fossem as suas afirmações. Uma das mais radicais, segundo o fidedigno Boswell, foi que tudo o que faz o homem ao longo da sua vida, a guerra, o amor, o trabalho, o prazer, o faz apenas para ocupar o tempo e por nenhum outro motivo. Mas os motivos assim excluídos são todos os motivos pelos quais fazemos as coisas e, se aplicamos ao escritor a exclusão johnsoniana, encontraremos o dândi supremo que terá se livrado de todas as motivações tradicionais do seu trabalho: o compromisso com sua sociedade e seu tempo, o testemunho de sua experiência, a crítica aos males do mundo, a expressão de seu ser interior e todo o resto da quinquilharia que tanto pesou sobre sua paz espiritual. Para ele só existirá um tempo que sem o seu trabalho ficaria vazio, um tempo que é preciso ocupar, como se ocupa, depois de um longo assédio, a cidade dos sonhos.